

# COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 415

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

**PUBLICA-SE**  
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repelição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

## BRAGA—SABBADO 30 DE OUTUBRO

Aos nossos.

Ninguém o duvida. A corrente dos acontecimentos vai de dia a dia desdobrando-se mais no grande circulo que promette abraçar.—São gigantescos os elementos que se topam, tremenda a lucta!

A revolução acolheu-se em muralhas de ferro, edificadas sobre alicerces d'arêa. Escora-as a ponta das bayonetas; suicidar-se-ha no derradeiro lance da desesperação se a não matarem odios que agastou. Debate-se impaciente e vacilante no seio da chamma que a envolve, ruge, dilata as fauces, estrangula victimas; não se refrigera no sangue que a escalda, mas respira na atmosphera que a envenena.

Maldita, condemnada, obedece ao seu destino fatal. Receberam-na os povos na cegueira de um delírio, ha-de matar-se na febre dos desatinos. Derroca-se a moderna escola, ficando todavia de pé, em meio das ruínas, o edificio secular, onde existem deteriorados despojos por entre silenciosos vestigios de um abandono sinistro; restos do passado que são fecunda seiva de auspicioso futuro.

Tão grande como ella foi, é a reacção legitima que a asfixia no apertado nó dos seus proprios erros.

Mas lucta!

Quando livre despotica, quando despotica audaz; absurdo que é, flagello que tem sido.

Espectro da desgraça que se arrasta errante sobre a terra como um anathema vivo, maldito das turbas que seduziu, execrado das multidões que avassalou!

Mas vive ainda! Fogo latente que se occulta na cinza, mas que se se não extinguir pode trazer novas devastações mais horrendas do que hontem, mais lugubres do que hoje.

O seculo passado lhe erigiu altares, a tremenda lição lhe cava catacumbas. Ergueu-a do berço a mão aventureira do condemnado de Santa Helena; impulsionou-a para o abismo a primeira pedra que derribou dos corucheos do Vaticano!

Póde no ultimo arranco desfazer-se como a tempestade em raios impetuosos, mas a torrente que se despenha, a tormenta que se desencadea, tem o seu termo fatal. O cahos traz a luz, e a luz é o dia d'amanhã.

Quando esse dia chegar, tem de apagar dóres, mas reverdecirão esperanças. Dóres que gemem!

Ninguém zombe d'esse gemido, que, deslizado um dia mais, será um hymno de triumphos.

Esperanças que já despontam como uma aurora de paz! Ninguém as desdenhe que ellas são folha solta do immenso livro dos destinos.

Luctar! Luctar embora!

Mas n'essa lucta haja o vigor da coragem e o animo do extremo esforço.

A expectativa, quando não é para refazer alentos, póde ser a indolencia que debilita e mata.

E o labaro da legitimidade em Portugal, enrolado na teuda occiosa do veterano afadigado, em quanto o vento rijo solta já a bandeira dos combates ao clamor das primeiras victorias, não chama para essa lucta, nem o acio que n'ella representa as honrosas tradições do preterito, nem a nova geração que tem nas mãos as glorias do futuro.

Na arena vasta dormem uns sobre recordações saudosas, e se negligenciam outros em hesitações cobardes, ou em visões absurdas!

Por que é isto? E' porventura digno e cavalheiresco esconder crenças? Quem trema! Por que a espionagem vos aponta, furtaes o peito ao golpe inimigo?

E não védes alem regar de sangue de martyres o caminho que pretendeis tranquilos transpor ámanhã para chegardes ao topo que demandaes?

Não védes que n'esse caminho irmãos que são heroes, vos estendem os braços pedindo o vosso apoio para luctarem, e a vossa força para vencerem?

Por que lhes voltas o rosto? O que haveis responder a quem ámanhã vos chamar cobardes, se vos não chamar traidores?

Responder-lhe-heis apenas allegando a firmeza das vossas crenças e a sinceridade das vossas aspirações? Essa firmeza é um dever da honra: essas aspirações, sem que os factos as justifiquem, são um egoismo desprezível. Nem aquella nem estas bastarão á grandeza de tão renhidas pugnas.

Do fundo do antro onde se esconde a pusilanimidade e quem sabe se a especulação, como que sae uma voz tremula que pretende justificar-vos: «Essa inercia, pois, chama-se—prudencia, esta quietação chama-se disciplina, estas placidas aspirações chamam-se diplomacia. Havemos sem recursos lançar-nos á ventura, submettendo inoffensivos o collo ao cutello vingador? Não será a unidade politica bastante insentivo para que nos venham trazer a casa uma corôa que estranhos defenderão, leis que estrangeiros hão-de fazer?»

E quem vos assegura que quando além tremular o trophéo dos vencedores não hão-de elles abandonar-vos á vossa inercia com um sorriso ironico de desprezo e de justo resentimento?

Quem vos garante que esses mesmos adversarios que hoje vos cobrem d'affrontas não hão-de aproveitar esse sentimento para estabelecerem novos abismos que vos detenham em vosso caminho, sobrepunhando-vos em uma derrota ignobil?

Porque estaes firmes em vossos baluartes, quereis que vos venham pedir ámanhã a graça de receberdes uma nega de gloria, e os despojos do inimigo que não conquistastes? Como haveis de vencer sem vos medirdes no certame? Oh! taes pretensões são o culminante ridiculo, uma esperança imbecil, uma pusilanimidade vergonhosa, e indigna d'um partido que tem foros de honra e de dignidade.

Não podeis ainda arremessar-vos á peleja, não podeis arrastar canhões ao alto das nossas montanhas, nem tendes bayonetas para entrardes a ferro os muros das nossas cidades? Tel-as-heis um dia quando o vosso heroismo for expressão da vossa vontade, quando vossos capitães vos ouvirem exclamar a todos, unidos, entusiastas, decididos—*avante!*

Quem armou os voluntarios de Carlos VII?

Quem os conduziu ao frenesi da lucta? A prudencia que vós tendes como principio absoluto e invariavel? A disciplina que vós traduzis no vosso quasi indifferetismo; n'essa cadeia de ferro, que não tem força de vos unir para a lucta, mas que vos prende em redor da pyra em que elevaes sacrificios ás divindades do oxalá?

Unir, cerrar as filas, que o tempo urge e a causa santa o exige. Desenrole a bandeira o menos pusilanime, e que nenhum se aparte d'esse labaro que nos ha-de conduzir a todos, quando soar a hora solemne.

Até essa hora, offerece-nos o inimigo uma orbita legal nos codigos da sua liberdade. Dentro d'essa orbita todos os partidos tem o direito de viver e de se mostrarem fortes. Estejamos ahí até que o clarim nos annuncie a voz do combate, mas esteja cada um em seu posto de honra prestes ao primeiro signal.

Não é a primeira vez que fallamos ao partido legitimista de Portugal esta li-

guagem, cujo ecco se reproduz no coração de todos. Ninguém ha ahí que não oiça a voz do dever bradando alto á consciencia: despertar essa voz não é offender direitos, nem fazer imposições futeis, nem aconselhar temeridades funestas. Appelemos para o intimo sentimento que inspira a primeira palavra do brío.

Não é um espirito irrequieto, que se exalta hoje por uma união occiosa e desnecessaria; é um coração dedicado que se expande lealmente nas collisões em que deve manifestar-se pelos interesses d'uma causa justa e abençoada. Coração que tem sangue de martyres d'esta causa, sangue que a dedicação sincera levou já ao campo da peleja, offerecido pela abnegação, entre o fumo dos combates, á bandeira tres vezes santa de Deus, Patria e Rei.

Se tal dedicação, se esta voz pode encontrar um espirito fraco que mal a comprehenda, respondam-lhe milhares de corações, d'aquem e d'alem Alpes, que acompanham em sinceros votos e protegem com a sua união, em esforço e sacrificios, cem mil voluntarios da honra e do direito, que assombram a Europa com o prodigio das suas armas.

B. SENNA FREITAS

### Importante.

Recebemos, com a maior satisfação, da fronteira de França a carta que publicamos em seguida, e que nos traz a mais viva esperanza nos acontecimentos do reino visinho.

As falsidades que o governo de Madrid manda despachar pelos seus órgãos, estão sufficientemente desmentidas no que nos diz o nosso amigo, que a todos os respeito é digno da mais ampla confiança. Se a falta de noticias esfria muitas vezes o entusiasmo dos que olham mais attentamente para o norte da Hispanha, bem-dito Deus, vem a verdade restabelecida por factos innegaveis trazer-nos a confiança, e acrisolar-nos a fé.

Esperamos que o nosso honroso correspondente não faltará á promessa que nos faz de nos mimosear mais algumas vezes com as suas apreciaveis noticias.

Eis a carta:

Bayonna 20 d'outubro.

Hontem cheguei de Elisondo, tendo estado tres dias em Tolosa onde tive a honra de ser admittido a beijar a mão ao Snr. D. Carlos. Não posso descrever-lhe as impressões que senti ao ouvir pela primeira vez as palavras de El-Rei tão cheias de esperanza e de entusiasmo pela nossa santa causa. Se não fosse bastante a dedicação que temos pelos nossos principios religiosos e politicos, o trato d'El-Rei, a sua bondade natural, e esta popularidade irrejavel e sem igual que em todas as occasiões se revela eloquentemente, bastariam para garantir um triumpho certo, ainda que mais ou menos proximo.

Vi umas noticias miseraveis publicadas pelo telegrafo relativamente a uma falsa indisposição do clero contra o snr. D. Carlos. Posso assegurar-lhe meu amigo, para que o diga a todos, que taes noticias são uma calumnia infame. O clero como o povo, e o povo como o exercito vêm no Snr. D. Carlos o unico homem capaz de salvar a nossa infeliz Hispanha. Amam-no como rei e como homem pela sua coragem, pela sua dedicação e pela sua virtude. Salutar exemplo que faz do exercito carlista um frizante exemplo de moralidade e disciplina, como tambem alimenta a rectidão e a moralidade que disfructam estes povos em todos os ramos da administração publica.

Cada dia tem o nosso exercito mais elementos. Tem chegado a Tolosa e a Estella grande numero de cavallos para a nossa cavallaria, bem como muito gado muar para a artilheria que se vai engrossando muito com os productos das nossas fabricas que trabalham com a maior actividade.

Ha dias estive nas linhas de Hernani. Parece impossivel como ainda existe ali uma casa de pé, tal é a violencia do fogo que fazem as nossas baterias sobre aquella pequena mas importante povoação—Ha dias em que se vêem no ar durante horas consecutivas quatro e cinco bombas por minuto. Os estragos feitos são enormes, e grande a mortandade dos liberaes. Do nosso lado poucas baixas tem havido, attentas as vantagens das nossas fortificações. O espirito da nossa tropa não póde ser mais animador.

De Tolosa saíram tres batalhões, um alavez e dois oavarras para as linhas de Pamplona, cujo cerco é cada vez mais apertado, e onde o fogo sobre a cidadella cresce todos os dias pelo augmento da artilheria grossa que ultimamente para alli tem sido enviada.

Em Elisondo tambem ficaram dois batalhões, que vão marchar para Estella com outros que ficaram á noite em Santo Esteban.

Pelo que se deprehe de movimento de tropas que temos tido estes dias, ou se espera que o inimigo nos ataque, ou alguma surpresa se projecta. O que é certo é que ha uma actividade sem igual, que nos enche de confiança a todos.

Ante-hontem consta que houve um encontro perto de Logroño, no qual o inimigo recebeu bastantes baixas deixando em nosso poder uns 30, segundo outros 40 prisioneiros, 70 espingardas e 8 cavallos, bem como dois carros com pão e seis mullas com caixas de munições. Em Durango d'onde nos chegou a noticia, não havia ainda todos os promenores d'este encontro, tão favoravel para as nossas armas.

Diz-se que no proximo novembro teremos de nos bater com o *niño* Alfonso em pessoa. Deus o traga, para conhecer mais uma vez a tempera das nossas bayonetas. Esta noticia espalha grande entusiasmo, porque a tropa e o povo cre que se ferirá uma acção decisiva, e quiçá desgraçada para o partido liberal, pois que se em Abato 70:000 homens tiveram de recuar diante de 12 000, hoje que o nosso exercito se acha grandemente multiplicado, nenhum receio temos de ser atacados pelo exercito liberal, mesmo sendo tres vezes maior. Então fizemos tudo sem artilheria: hoje temolla e muita, e boa, e não nos falta recurso de nenhuma especie.

Hoje sigo para a Catalunha em serviço, mas volto, pois que alcancei passagem para o 2.º de Castilla del Cid. D'ali lhe escreverei, e irei contando o muito que tenho que lhe dizer, e a esses portuguezes que me não esquecem nunca nem esquecerão jámais, pela maneira como me hospedaram. Conto estar de volta aqui antes do dia 15 de novembro.

T. y C.

Os «Lazaristas» perante a critica d'um liberal

[Conclusão]

Resumo dos caracteres:

Na religião: 1.º uma rapariga que toma a serio a vida, o dever, o sacrificio,

e que prefere viver pobre, curando os enfermos, assistindo aos moribundos, ensinando as crianças, acompanhando as expedições militares e as missões evangelicas aos paizes barbaros, a viver em Lisboa com sua irmã, que é concubina d'um estroina devasso e pelintra. 2.º um padre que não vae aos cafés nem aos clubs, nem aos theatros, que não toma remedios secretos nem faz eleições, que se considera devotado á gloria do instituto a que pertence e que se consagra absolutamente á missão de que o encarregaram.

No partido liberal: 1.º um velho guerreiro livre pensador, sem criterio scientifico, que no fim da vida se desdiz das suas opiniões liberaes por medo de ir para o inferno. 2.º uma senhora que diz a um homem: *Amo te por simples curiosidade dos sentidos*. 3.º um joven que faz despezas á custa do dinheiro da sobredita senhora sua amante. 4.º um declamador que furta um documento a um padre.

A verdadeira moralidade d'este drama, moralidade profunda, é que ha ainda um ponto pelo qual a Igreja domina victoriosamente a sociedade portugueza. Esse ponto fraco da nossa organização liberal é a educação da mulher.

Qual é a instituição que o Estado pôde pôr em frente da das Irmãs da Caridade? Nenhuma. Aos dezoito annos de idade a mulher portugueza que não encontra um marido e á qual falta o apoio de um pae ou de um irmão, não tem senão um d'estes destinos licitos; ser mestra de piano ou ser actriz.

Nestas condições preferir ser irmã da caridade é escolher uma posição—não mais elevada porque o trabalho não tem cathogorias—porém mais ampla, com mais largas margens para o emprego da dedicação, do sacrificio, de todas as grandes qualidades affectuosas, instinctivas no coração da mulher. As irmãs da caridade, que os jornalistas e os oradores parlamentares portuguezes folgam demasiadamente em vituperar, não circumscrevem na exhibição pittoresca das suas toucas nas cidades civilizadas a esfera da sua actividade. Nas longuissimas regiões da Africa e da India, no meio das sociedades mais barbaras e dos climas mais mortiferos, aonde os rhetoricos mais expressivos não consentiriam por nenhum preço do mundo em ser pessoalmente os portadores da sua prosa, essas obscuras mulheres dedicadas á humanidade representam para os viajantes europeus tudo quanto elles tem de mais caro ao seu coração; a sua raça, a sua religião, a sua familia.

Um valoroso marinheiro portuguez, o commandante da canhoneira «Tete», nosso presado amigo, sendo doente n'um hospital de Moçambique viu ahi ao lado do seu leito um soldado moribundo ser ainda em vida amarrado para ir á cova, com os pés juntos e os braços cruzados no peito, por um degradado fazendo no estabelecimento as vezes de enfermeiro! O mesmo official levado n'uma maca de bordo do seu navio para outro hospital africano, recuperou os sentidos nos braços de duas carinhosas e doces mulheres, tão estremecidas, tão dedicadas por elle como se cada uma d'ellas fosse a sua verdadeira mãe. E na cabeça de cada uma d'essas mulheres, voluntariamente expatriadas na desolação da costa africana, reconheceu elle, ao entreabrir os olhos, as largas azas d'aquellas toucas brancas, symbolos reaccionarios apedrejados pela plebe—da sua patria—da sua patria que em Moçambique o entregava moribundo á discricção estúpida de um fascinora condemnado a degredo!

Em Gabon um outro dos nossos antigos e queridos amigos, o bravo tenente Antonio de Sousa Canavarro, atacado d'uma febre paludosa, é recolhido na casa das missões francezas, onde uma irmã da caridade, nobre e curajosa mulher, cujos cabellos tinham encanecido nos hospitaes de sangue e nas missões da China, o tratou com tão profundo carinho que d'ahi por diante esse marinheiro portuguez nunca mais deixou de pagar áquella mulher o mesmo tributo devido á sua mãe ou á irmã, mandando-lhe de cada ponto a que chegava uma palavra da sua recordação e do seu reconhecimento. Na missão de Gabon, no meio de uma população nua, de habitos inteiramente selvagens, cem pretinhos estão vestidos, calçados, limpos, fallando e escrevendo correctamente, aprendendo a gramatica, a geografia e a historia.

Em Macau, onde ha poucos annos era ainda proverbial a ignorancia das mulheres, todas as senhoras tem hoje uma ins-

trução elemental, fallam correctamente o francez e escrevem com grande nitidez calligrafica e grammatical. Estes resultados são principalmente devidos a uma escola fundada n'aquella possessão pelas Irmãs da Caridade.

Uma das circunstancias que mais contribue para falsear o criterio porque são geralmente julgadas as Irmãs da Caridade é suporem alguns dos nossos filosofos que o orbe habitado termina na Cova da Piedade, e que as condições geraes da humanida podem ser calculadas pelo que se passa entre Carriche no extremo norte e o pontão de Cacilhas no extremo sul.

Oh! não. Ha no vasto mundo regiões habitadas á que ainda não chegaram sobre a aza da civilização nem os echos amenizadores da harmonica União e Capricho nem os periodos dulcificantes da correspondencia de Melicio, a quem temos a honra de cumprimentar.

O que não comprehendemos é que equal direito seja denegado por parte do ministerio da justiça ao sr. padre Pancada, ultimamente reprehendido porque n'um sermão preferiu tantas frases desagradaveis para o imperador Guilherme e para o rei de Italia quantas as que o sr. Ennes empregou contra os Lazaristas e contra o Papa.

Perante os juizos da critica e perante a acção dos governos liberaes um sermão é uma obra d'arte exactamente como um folhetim. Homilias e epigrammas, sermões e artigos de fundos, ladainhas e charadas tem absolutamente identicos direitos e identicas garantias, como outras tantas manifestações do pensamento.

A justiça distributiva que dá ao sr. Ennes uma busina e ao sr. Pancada uma rolha, comprmette, por via dos instrumentos que nos faculta a harmonia das idéas e o equilibrio das opiniões.

Nas relações internacionaes reconhecer ás grandes potencias que podem bombardear Lisboa, privilegios juridicos denegados a um pobre pontifice desarmado, é estabelecer um direito de força fatal ás nações pequenas e fracas...

#### Coimbra 27 d'outubro

(Do nosso correspondente).

Começo esta correspondencia (que ha já muito não tenho podido mandar-lhe, do que peço desculpa) dando-lhe a triste noticia da perda d'um dos maiores vultos da nossa universidade, do talentoso lente de Theologia, Dr. Achilles. Sucumbiu hoje a um ataque de sangue, dos quaes já tinha tido muitos, a uma violenta *Epistaxis*. O enterro é amanhã na sé cathedral. Por este motivo ha feriado geral na universidade e lyceu.

—A proposito de feriados. A' hora, em que escrevo estão partindo para a estação do caminho de ferro os carros americanos repletos de estudantes que vão para... ferias!

Ainda não ha oito dias que vieram de ferias grandes, e já voltam com mais uns oito dias ou mais de *feriasinhas*! e viva a pandiga!

São as ferias dos Santos, que este anno, em rasão da morte do dr. Achilles e d'uns feriados que pediram, são muito longas.

Desde a abertura das aulas houve, pois, seis lições, porque a primeira foi no dia 20. A nossa instrução vae á vella! O estudante sae dos lyceus sabendo pouco e dos cursos superiores não sabendo nada. Senão, digão-nos o que se pôde aproveitar com tantos feriados, e com o pessimo sistema que aqui se segue, principalmente em Direito. O estudante não se desenvolve, não reflecte, não pensa; decóra a *sebenta*, como ella sae da litografia, sem confrontar um paragrafo, sem ler um livro. E' um estudo material, que esquece no dia seguinte ao da lição. Isto não pôde aproveitar.

—Tem chovido muito. O rio Mondego engrossou a sua corrente.

—Pelas ruas da cidade continuam os descantes obscenos; campea a desordem e a embriaguez tumultuosa, a mais completa falta d'ordem e de policia. Hontem ao fundo de Sophia houve pancada de botar a baixo. Ante-hontem ás 10 horas da noite passavam na Couraça dos Apostolos tres estudantes offendendo por palavras a moral publica, Passando n'esta occasião um respeitavel cavalheiro, lente da universidade, foi atrocemente insultado. Alguns academicos que estavam ás janellas quizeram vir abaixo dar-lhes a correcção devida,

mas foram impedidos, para evitar conflictos entre estudantes, o que é sempre feio.

—Apareceu hontem pelas ruas da cidade um cão damnado, o que aqui é frequentissimo, não sabemos porque. Cremos que alguns morrem *innocentes*.

### REVISTA ESTRANGEIRA

Escrevem de Venta de Arroiz ao «Monde» o seguinte:

«Deveis lembrar-vos, que em uma das minhas correspondencias vos disse que a situação da Hispanha affonsista não era tão agradável como nos quer faser acreditar a imprensa de Madrid. A lei marcial acaba de estabelecer o estado de sitio nas provincias de Andaluzia, de Madrid, e de Valencia.

Esta menida de precaução, excessivamente energica, prova-nos, e o sr. G. rardio concordará, se é justo e imparcial que o seu protegido D. Afonso não seja tão popular como elle crê, e que os seus amigos republicanos hispanhoes de todas as côres podem collocar em más circunstancias o joven monarcha. Diz-se tambem que elle deve chegar brevemente a Logroño, certamente para tomar o commando do exercito do Norte. Pela minha parte aconselho-o a que medite bem esta resolução, porque Serrano veio como elle, e foi obrigado a emigrar para França; a rainha Isabel partiu em 1868 para S. Sebastião e não voltou mais a Madrid; quem nos diz que o filho não será obrigado a seguir o mesmo caminho de sua mãe?»

—Sobe já a 11:336 o numero de familias legitimistas exiladas pelo governo de Madrid depois do 1.º de janeiro. O numero de familias, cujos bens foram arretados sommam já 12:026.

—Não foi o sr. D. Carlos que mandou meter em conselho de guerra o valente general Dorregaray em consequencia do revez de Seo d'Urgel; foi o general Dorregaray que pediu ao sr. D. Carlos para justificar o seu procedimento perante um conselho de guerra.

Um correspondente de Hispanha para a imprensa franceza exprime-se d'este modo a respeito do valente marquez de Eraul.

«Nada devemos diser até que a sentença seja proferida; mas estamos completamente convencidos e certos que a alta e justa nomeada militar do marquez de Eraul não soffrerá com este processo, antes pelo contrario, que o respeito e consideração de todos serão a justa recompensa dos grandes serviços por elle prestados ao partido carlista.»

### GAZETILHA

**Dia de todos os Santos Comemoração dos Fieis defunctos** —

Na segunda-feira proxima celebra a Igreja a festa solemne de todos os Santos, e na tarde d'esse dia começam os sinos a dobrar ás vespuras da comemoração dos Fieis defunctos. N'essa tarde e em todo o dia seguinte costuma ser grande a affluencia de pessoas ao cemiterio, para alli suffragar as almas dos seus parentes e amigos, decorando com armações e emblemas simbolicos os mausoleus, catacumbas e sepulturas.

A R. Irmandade da Misericordia tenciona percorrer encorporada as ruas do cemiterio, pelas 4 horas da tarde do dia 2, entoando o clero os responsorios e orações proprias d'aquelle acto.

E' d'esperar que os irmãos d'aquella irmandade alli concorram para tornarem mais imponente aquelle acto.

**A questão—Lazarista.** — Fomos honrados com um exemplar da *Carta do padre Senna Freitas ao ill.º sr. Guimarães Fonseca*.

N'este folheto dirige-se o notavel ecclesiastico, e nosso amigo particular e honrador, ao sr. Guimarães Fonseca, a proposito d'uma carta do sr. Fonseca, dirigida ao sr. B. Senna Freitas, a qual ha tempos transcrevemos n'este jornal.

Por certo não esqueceram os leitores que o sr. G. Fonseca publicou um folheto em que pretendia refutar a apreciação do drama—*Os Lazaristas*, feita por aquelle indefesso escriptor catholico.

O folheto, a que nos referimos, foi recebido pela imprensa liberal, com as louvaminhas do costume; todavia alli, e algum merito ha, é exclusivamente emquanto á fórma, e nada mais.

Para nada, porém, serviram as palmas

do revolucionarismo; pois é o proprio sr. Fonseca que poucos dias depois vem, á luz meridiana, repudiar proposições que tinha aventado no seu opusculo, e que mais poderiam armar ao effeito.

Na *Carta* que temos sobre a mesa, o padre Senna Freitas, não visando a refutar as asserções contidas no malladado folheto do sr. G. Fonseca, responde a algumas frases da missiva dirigida pelo sr. Fonseca ao irmão do auctor; pois que em vista d'essa missiva, seria «intempestiva, e até pouco digna», segundo elle se expressa, a resposta que ao referido folheto tinha elaborado.

Limitar-nos-hemos a esta indicação; porque, procurar encarecer o merecimento dos escriptos do sr. padre Senna Freitas, com tanto alvoroço acolhidos no mundo litterario, seria superfluidade.

Agradecemos ao nosso bom amigo o exemplar com que nos brindou.

**Transferencia de festividade.**

—Não tendo permitido o mau tempo que se realisasse no dia 17, como se annunciára, a festividade que n'aquelle dia tinha de ser feita no templo dos Remedios, a expensas do ill.º sr. João Rebello da Silva Braga, effectuar-se-ha hoje e amanhã, observando se o programma que annunciámos.

Hoje á noite ha illuminação, fogo do ar e preso, tocando nos intervallos duas bandas de musica.

**Novidade litteraria.**—Com o titulo de «Novellas do Minho» o nosso primeiro romancista, o sr. Camillo Castello Branco, vae encetar a publicação d'uma serie de pequenos romances em que serão descriptos os costumes d'esta bella provincia.

As tres primeiras novellas da serie tem por titulo:—«Grações que matam»—«O commendador»—e «O cego de Landim».

Sabirá um volume por mez, que custará 200 reis.

parte dos soberanos europeus e christãos!  
**Obito.**—No dia 24 do corrente entregou a alma a Deus, a ex.ª D. Beatriz Leonor Rebello Teixeira d'Andrade e Castro, da nobre casa de Recobelo, na freguezia de Aguas Santas.

Finada na flor dos annos, aquella gentil menina, allando-se ás puras regiões da eterna Patria, deixou em indissolvel consternação quantos poderam apreciar a excellencia das qualidades com que o Senhor tão prodigamente a tinha dotado.

Que o balsamo da resignação possa mitigar a dôr suprema, que ora punge a illustre familia da finada, a quem cumprimentamos.

**A' ex.ª camara.**—Em nome dos moradores da rua da Boa-Vista pedimos á ex.ª camara que se digne mandar desobstruir algum espaço d'aquella rua, totalmente intranzitavel, afim de permitir a passagem dos transeuntes, e evitar desgraças que por vezes tem estado imminentes.

**Ambulancias carlistas.**—Lê se no «Direito»:

Como pôde acontecer que algumas pessoas que concorrem para esta tão caritativa obra de caridade por intervenção do ill.º sr. Manoel José Vieira da Rocha, da cidade de Braga, duvidem da sua muita probidade e honradez aqui publicamos todas as quantias que o mesmo sr. nos tem entregado por diferentes vezes a saber:

3 de agosto de 1874 . . .	138\$470 reis.
18 de outubro de » . . .	108\$120 »
13 de janeiro de 1875 . . .	227\$310 »
19 de março de » . . .	77\$810 »
16 de maio de » . . .	89\$700 »
22 de julho de » . . .	88\$640 »
21 de outubro de » . . .	78\$240 »

Somma . . . . . 808\$590 »

Aquellas pessoas que tem concorrido para esta boa obra, podem quando quizerem vir a esta redacção, onde se lhe franquearão os recibos. Estamos bem certos que só quem não conhecer o ill.º sr. Manoel José Vieira da Rocha, é que poderá duvidar da sua bem reconhecida probidade e honradez.

**O imperador Guilherme e Victor Manuel.**—O «Monde» referindo-se a um artigo da «Republique Française» a proposito da visita do imperador Guilherme a Victor Manuel, sob o ponto de vista politico, diz o seguinte:

«Desejamos muito que d'esta vez a «Republique Française» tenha rasão, e que nada resulte da entrevista de Milão. Bem sabemos que se a entrevista do im-

perador Guilherme e do rei Victor Manuel desse algum resultado, não seria por certo em nada favorável nem á Igreja nem á França.)

**O dia 1.º de Dezembro de 1810.**—Consta que a mocidade escolastica bracarense vai nomear uma commissão no proximo mez, para festejar solemnemente o dia em que quarenta fidalgos portuguezes mostraram ao mundo inteiro o que era, e o que valia um povo amante da patria; o dia em que se hastearam livremente as Quinas portuguezas, para nunca mais serem dominadas por nação estrangeira.

Era bom que todos os bracarense se guissem o exemplo da nobre classe, para mostrar que não passa despercebido um dia de tão verdadeiro enthusiasmo.

**Carta do Shah da Persia a Pio IX.**—O «Osservatore Romano» publica a traducção, segundo o texto persa, da carta que o general Nazari-Aga, enviado extraordinario do Shah, da Persia, entregou a Sua Sanctidade em uma audiencia solenne verificada ha dias. Vamos reproduzir esse documento, interessante a muitos respeito, diz a «Palavra».

«A Sua Sanctidade muito venerada e muito illustre o Papa, que reveste um caracter de Messias, elevado como os habitantes do mundo celeste. A graça do Senhor seja com elle!

Chegou ao nosso poder, que estamos animados de sentimentos de sincera amizade, a amavel e venerada carta de Vossa Sanctidade, dotado de dons angelicos, carta escripta na abundancia de sua amizade, e que estava confiada a Sua Excelencia o muito honrado Arcebispo Agostinho, d'Heraclea, que vós nos enviastes com alguns presentes, caros e preciosos testemunhos e bellissimas lembranças, destinados a serem sempre para nós um motivo de augmentar a nossa affeição.

Alfim de mostrarmos d'um modo particular não grande valor e consideração concedemos á carta e aos presentes de Vossa Santidade, assim como ao Arcebispo Agostinho, recebemos-os em nossa propria imperial pessoa, e fallamos em presença de todos, como convinha, da amizade e da affeição que Vossa Sanctidade nos consagra.

Além d'isso, julgamos necessario, dirigindo-vos esta carta repassada de amizade, significar vos a nossa cordeal alegria e a nossa profunda satisfação por este testemunho d'amizade e de sincera affeição que Vossa Sanctidade nos deu e assegurar a Vossa Sanctidade que, segundo os votos e os benevolos desejos de Vossa Sanctidade, — os delegados da nação catholica, bem como igualmente todos os individuos e particulares d'esta nação, tem sido, e serão de futuro objecto da nossa benevolencia, e por assim dizer, os eleitos depois dos ministros do nosso alto imperio; e serão objecto, no mais alto grau, de todos os respeito e protecção. Para augmentar estes respeito, depois do estabelecimento d'estas relações tão desejadas por nós, foram por nós promulgadas e dirigidas aos governadores das provincias ordens formaes ácerca dos direitos protecção e liberdade dos catholicos relativamente a suas crenças religiosas.

E com effeito consideramos os individuos d'esta nação catholica que são subditos do imperio persa como um deposito confiado por Vossa Sanctidade á nossa guarda, e, como é natural, encarregamos inteiramente do deposito que nos é confiado por Vossa Sanctidade. Consideramos outro sim a vossa pessoa como a maior entre os discipulos do Messias (salvê!) e por este motivo digna de veneração.

Desejamos que, graças á pureza de vosso coração, não nos olvideis nas vossas orações e que as nossas relações com Vossa Sanctidade continuem sempre

Escrepto no nosso palacio real de Teheran, no mez de Ribí-oub-Sami 1292 (maio de 1875).

(Segue o sello e a assignatura de S. M. I. o Shah)

Aqui está um modelo de epistolografia persa que devia ser imitado pela maior

**Acquisição de manuscritos.**—Lê-se na correspondencia de Lisboa para o «C. do Porto»: Já está realisada, por conta do estado, a compra dos raros e riquissimos manuscritos que possuira a casa dos condes de S. Lourenço, da qual é hoje representante a snr.ª condessa de S. Lourenço e o snr. marquez de Sabugosa, seu filho.

São ao todo 897 esses documentos, que felizmente não vão enriquecer os museus e bibliotecas estrangeiras. São elles muito curiosos, e têm grande valor como subsidios para a historia politica.

Encontrou-se entre elles 64 cartas de D. João de Castro e autographos do conde de Castanheira, D. Jeronymo Ozorio, o chronista João de Barros, André de Rezende, D. João Mascarenhas, Martim Affonso de Souza, D. Alvaro de Castro, D. Aleixo de Menezes, Antonio Moniz Barreto, Antonio Pinheiro, D. Estevão da Gama, Henrique de Souza Chichorro, D. Jeronymo de Menezes, Lourenço Pires do Tavazo, Luiz Falcão, etc., etc.

Tambem se encontram n'esta magnifica colleção, os documentos relativos ás côrtes de Torres Novas, reunidas em 1438 para promover ao governo do reino por morte de D. Duarte, documentos authenticos que tiram as duvidas que existiam ácerca d'aquellas côrtes, como succede com as de Lamego.

Toda a colleção estava avaliada no inventario em 4:500\$000 reis, mas o snr. marquez de Sabugosa, que poderia alcançar quantia muito superior se a quizesse vender no estrangeiro, preferiu ceder os documentos por somma ainda áquem da lançada no inventario, pela satisfação de ficarem no paiz. E' honroso o seu procedimento, como louvavel o acto practicado pelo snr. ministro do reino em fazer acquisição de colleção tão preciosa.

**Facto singular.**—A «Gazeta dos Hospitales» dá conta de um facto singular succedido com um velho de 75 annos de idade, a quem se renovou toda a dentadura, depois de uma doença. O velho perdera todos os dentes, á excepção de um incisivo e outro molar. Os novos dentes não são nem tão solidos nem tão brancos como os ordinarios e parecem menos duros que os dous que ficára conservando.

#### SUBSCRIPÇÃO

*Acha-se aberta uma subscrição para socorrer uma familia honesta, composta de duas senhoras, que, tendo vivido na abundancia, se acham agora, pela contingencia da sorte, reduzidas a extrema miseria.*

*Implora-se a caridade publica para adotar a penosa situação d'aquellas infelizes.*

*Os donativos podem ser entregues no escriptorio da administração d'este jornal, rua Nova, n.º 3.*

Transporte	4\$000
Domingos José Vieira Machado	500
Manoel José de Miranda	240

#### SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Snr. redactor.

Levado por um verdadeiro espirito de curiosidade, raro é o dia em que não tenha a honra de lêr, em um jornal, uma secção do mesmo, que tem por epigrafe: —Dos telegrammas da agencia Havas extrahimos o seguinte: etc.—porém estou já de tal modo prevenido que nunca me disponho a lêr *similhanes noticias* sem primeiro me preparar para soltar uma grande gargalhada, a cada palavra noticiosa que nos fornece o *innocente e verdadeiro* telegrafo, pago por tão santa gente.

E sobre modo admirável!!!... será possível o eu ter motivo para assim proceder?!... ora vejamos:

Ha já annos, ou pelo menos muitos mezes, que a tal *agencia* nos diz constantemente a respeito do exercito carlista da vivinha Hispanha:

O general F. bateu a facção de tal!.. o *cabecilha* (sic) fulano foi morto e o seu bando *disperso*.

No ponto de tal houve um encontro, em que, as tropas do *governo*, obtiveram uma *grande victoria!*

Na povoação de tal, os *affonsinos* poseram em debandada *uma porção* de carlistas!...

Houve um combate, entre as tropas *affonsinas* e carlistas, no qual, os primeiros, alcançaram uma brilhante victoria; o inimigo perdeu todas as munições e materias de guerra: entre mortos, feridos e prisioneiros teve tantas mil baixas!... A *guerrilha* (sic) de tal foi completamente derrotada; e, o seu chefe, prisioneiro.—As *apresentações* *augmentam*: entre os *facciosos* reina geral *descontentamento* (sic) etc. Tantos centos de carlistas foram internados pela França dentro:

(!) O general fulano e fulano (*cabecilhas*)

*fugiram* para França... etc., etc. em fim os *commandantes de guerrilhas* e as *facções carlistas*, da nação visinha, foi tudo *batido, derrotado, morto, ferido, prisioneiro, disperso, e apresentado!!!*... Que tal?! irra! que brava gente!! E' uma felicidade! com que então, em vista de tudo aquillo, mais a internação no estrangeiro de toda aquella *vil canalha*, terminou a guerra civil de Hispanha?! e el-niño ficou seguro no...?! quem tal diria! tudo terminado!... todas as esperanças perdidas!...

D'aquelle modo, pois, não resta, nem deve existir, em Hispanha um só carlista em armas!...

A maioria das noticias que, a respeito da guerra carlista, nos transmite a tal *Havas*, em quanto a mim, olho-as como *verdades de mestre Voltaire*, e por aqui me fico.

No entanto, snr. redactor, eu tenho tenção de faser uma *viagem de recreio* a Madrid, para o que já ando preparando a mala, e, depois de percorrer as principaes terras e provincias de Hispanha, não me esquecendo as do centro e norte, melhor o informarei do que tiver observado como *testimunha ocular*; e, segundo os meus apontamentos de viagem, que sempre costume notar, em minha carteira.

Se encontrar o *menino*, farei recommendações dos da *agencia* e convidarei para elle me acompanhar se quizer.

De v. etc.

D. R.

**SAÚDE A TODOS** sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha de saúde,

DU BARRY de Londres.

27 annos d'invariavel successo

1 Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalessière* que cura as indigestões (despepzijs) gastrica, gastralgia, ilegna, arrotos, amargor na bocca, pituitas, náuseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, dizenteria, colicas, tosse, athsma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa e do sangue.

Mr. Livingstone, celebre explorador da Africa central, no seu relatorio que fez á Sociedade Real Geografica de Londres sobre a sua viagem diz:

«Os habitantes da provincia d'Angola parecem gozar uma grande felicidade, elles não precisam nem medicos nem purgantes, o seu principal alimento sendo a *Revalessière* que Du Barry trouxe em Europa, veem-se isentos das molestias, e a tísica pulmonar, escrophulas, empingens, cancer, febres, difficuldade de evacuar, diarrhea, etc., etc., são molestias completamente desconhecidas, como tambem desconhecem as bexigas, o sarampo, etc.»

Certificado do Dr. Manuel Seans de Dejada, doutor da faculdade Medica Cirurgica, lente da Universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida a Sevilha, etc.

Certifico: Que com o uso da *Revalessière*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes n'esta cidade, lembrando-me o de D. Philippe Zappina empregado publico, hoje administrador da alfandega de Manila nas ilhas Filipinas, a de D. Amelia Gomes, casada com um chefe do exercito, a qual continua a melhorar com o seu uso; de D. Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos que soffria havia alguns mezes de uma molestia de peito de muita gravidade. E para faser constar em toda a parte, a assigno em Cordova em 13 de outubro de 1873.

Doutor Manuel Saens de Jejada.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de  $\frac{1}{4}$  kilo, 500; de  $\frac{1}{2}$  kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 reis; de 2  $\frac{1}{2}$  kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400 reis, e de 12 kilos, 12\$000 reis.

Os *biscoitos da Revalessière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a

**Revalessière chocolataada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 820 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

**BARRY DU BARRY & C.ª**—Place Vendôme, 26, Pariz; 77 Regent Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; snr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12. Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Baharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desfré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal, Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.; Fena-fel, Miranda, pharm.; Ponte do Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Povoa do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castello, Affonso e Barros, droguistas; Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

#### AGRADECIMENTOS

O padre Antonio Luiz Alves Caldas, residente em Braga, summamente penhorado para com todos os ill.ªs e revd.ªs snrs. parochos, presbyteros e clerigos, que no dia 15 d'outubro do corrente anno de 1875, assistiram ao officio de corpo presente de seu muito presado irmão Francisco Manoel Alves Caldas, de S. Pedro de Riba de Mouro, e para os que se encarregaram de dizer missa por sua alma, e bem assim para com os ill.ªs snrs. do corpo da musica, tudo gratuitamente, e da mesma forma para com todos os ill.ªs e ex.ªs snrs. que honraram com a sua assistencia aquelle acto funebre, e a acompanharam seu corpo até á sepultura, tributa os mais sinceros protestos de eterno reconhecimento e gratidão. (2768)

#### ANNUNCIOS

*Banco Agricola Commercial e Industrial de Ponte do Lima*

*Sociedade anonyma de responsabilidade limitada*

A direcção d'este Banco, de accordo com o artigo 7.º dos seus Estatutos, convida os snrs. accionistas a fazerem a 2.ª entrada de 10 p. c. ou 5\$000 reis por acção, nos dias 5 a 10 do proximo mez de novembro, em Ponte do Lima na sede do Banco, no Porto em casa do snr. Pedro Ferreira de Macedo Basto e em Braga na do snr. Antonio José Pereira.

Ponte do Lima 25 de outubro de 1875.

Os directores,

Joaquim Gerardo Alvares Vieira Lisboa

José Maria Torres Machado

Narciso Alves da Cunha. (2771)

**BANCO DE PONTE DO LIMA**

Convidam-se os snrs. accionistas d'este banco a comparecer segunda feira (1.º do p. futuro mez de novembro) pelas 10 horas da manhã, no salão do theatro de S. Geraldo a fim de se tratarem negocios de seu interesse.

Braga 28 de outubro 1875.

(2772)

**Companhia Edificadora e Industrial Bracarense.**

A direcção d'esta companhia faz publico que em conformidade do disposto no artigo 3.º § 6.º do respectivo regulamento, abriu o seu escriptorio no campo de San'Anna n.º 71 D, 2.º andar onde se dão consultas relativas a industria particular, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde nos dias não sanctificados.

Encarrega-se esta direcção de todos os trabalhos relativos a projectos construcções em geral, como irrigações, drenagens, architectura, levantamento de plantas, estradas, caminhos de ferro, construcção de rodas hydraulicas, e tudo quanto diz respeito a obras hydraulicas, machinas de vapor etc.

A direcção proporcionará garantias seguras, e preços mais commodos para a confecção dos respectivos projectos, direcção e execução de obras, apresentando a competente tabella de preços, ou fazendo os ajustes mais modicos e compatíveis com os fins a que se propõe.

Os directores

Fernando Castiço.  
José Alves de Moura.  
Francisco da Silva Araujo.

(2747)

**BANCO MERCANTIL DE BRAGA**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Previnem-se os poucos snrs. accionistas d'este Banco, possuidores d'acções com o desembolso apenas da ratificação de que lhe serão cassadas, não tendo entrado com a importancia da primeira prestação e juros respectivos até ao dia 15 de novembro proximo, em conformidade com as disposições do artigo 17 e seus §§ dos Estatutos, pela execução do qual a Direcção é a unica e immediatamente responsavel para o Banco, como mandaria d'este; e que portanto fará cumprir na sua integra.

Pode-se effectuar o referido pagamento nos seguintes locais.

Em Braga, no edificio do Banco, rua Nova de Sousa n.º 19. No Porto, na Agencia, praça de D. Pedro n.º 22.

Braga e Banco Mercantil 26 d'outubro 1875.

Pelo Banco Mercantil de Braga

Os directores

(2766) José Joaquim Lopes Cardoso  
João da Costa Palmeira

(138) José Antonio Rebello da Silva.

**CATACUMBAS**

Tendo a Mesa da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, deliberado principiar a demolição das catacumbas existentes no cemiterio dos Despresos no dia 29 do proximo mez de novembro, convida por isso de novamente os parentes ou amigos dos finados, que foram temporariamente depositados nas mesmas, para virem, querendo, até esse dia tomar conta das respectivas ossadas.

Braga 25 d'outubro de 1875.

(2767) O provedor

(139) Manoel Justino Marques Murta.



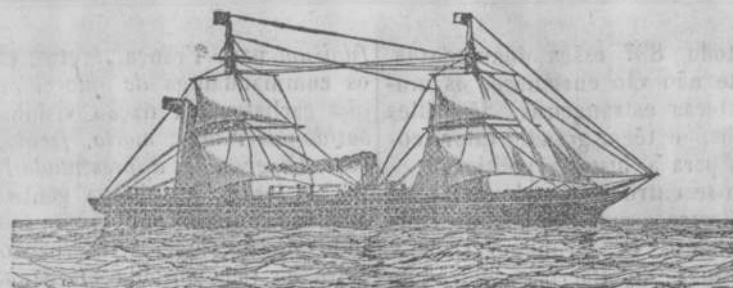
João Baptista Fernandes, faz publico, que os carros, que d'esta cidade saem para a Portella do Vade ás 3 horas da tarde, e da Portella ás 5 da manhã, principiam a sair desde o dia 31 do corrente d'esta cidade ás 2 horas da tarde e chega á Portella ás 5, e da Portella ás 6 da manhã, chega a Braga ás 9.

Braga 26 de outubro de 1875. (2765)

**ALUGA-SE**

Uma casa feita de novo, sita na rua das Agoas, n.º 91. Trata-se na rua dos Chãos n.º 13.

Póde ver-se das 10 horas da manhã, até á 1 da tarde. (2694)



**COMPANHIA REAL INGLEZA**

**PAQUETES A VAPOR CARREIRA QUINZENAL**

Paquetes a sair de Lisboa:

MONDEGO . . . 29 de Outubro | NEVA . . . 13 de Dezembro  
ELBE . . . 13 de Novembro | GUADIANA . . . 29 de "  
MINHO . . . 29 de " | DOURO . . . 13 de Janeiro

O paquete de 13 toca em S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres.

O paquete de 29 toca em S. Vicente, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres.

Os preços são muito rasoaveis

Esta companhia para maior vantagem, resolveu ter a bordo de todos os seus vapores, criados e cosinheiros portuguezes para servirem os passageiros de todas as classes, cujo tratamento se torna hoje o melhor possível. Cada passageiro de 3.ª classe tem gratis, belixe com colchão e roupa de cama, vinho e comida á portugueza, tudo em abundancia. O transporte do caminho de ferro até Lisboa é por conta da companhia bem como outras despesas.

Para mais esclarecimentos prestam-se em casa do agente n'esta cidade, rua do Souto n.º 43. — Em Braga.

João Manoel da Silva Guimarães. (V\*)

Carreira semanal



A's quartas feiras

**COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO**

Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos-Ayres, Valparaiso, Arica, Islay e Callao

CARREIRA QUINZENAL PARA PERNAMBUCO E BAHIA

A Companhia reduziu os preços, conservando as mesmas vantagens com o até aqui tem offerecido aos snrs. passageiros: **excellentes commodos, bom tratamento, bastante espaço para bagagens e viagens rapidas**, pois que os Paquetes do Pacifico tem gasto sómente 13 dias de Lisboa no Rio de Janeiro.

Preços das passagens incluindo o caminho de ferro do Porto para Lisboa

	3.ª CLASSE	2.ª CAMARA	1.ª CAMARA
Pernambuco . . . . .	40\$000	81\$000	108\$000
Bahia . . . . .	40\$000	90\$000	117\$000
Rio de Janeiro . . . . .	43\$000	90\$000	121\$500
Montevideo e Buenos-Ayres. . . . .	54\$000	90\$000	157\$500
Valparaiso, Arica, Islay e Callao . . . . .	126\$000	189\$000	308\$500

Crianças dos passageiros

Até aos 12 annos meia passagem. Até aos 8 annos a quarta parte. Até aos 3 annos gratis, uma só de cada familia.

Todas as terças feiras sahirá de Lisboa um paquete, os passageiros de 3.ª classe tem beliche com colchão e roupa, comida a portugueza em abundancia e vinho duas vezes por dia

**AGENTES EM BRAGA—Almeida & I'ereria.**

Trata a passagem a pagar á vista e a prazo com fiança. (K\*)

**AVISO**

Banco agricola e industrial da Extremadura

São convidados os snrs. accionistas d'este Banco a fazerem a 4.ª entrada de 20 por cento, ou 10\$000 reis por acção desde o dia 2 a 6 de novembro proximo.

Porto, séde do Banco, Praça de Carlos Alberto n.º 92.

Lisboa, rua dos Bacalhoeiros—51—casa de David Gonçalves Chaves.

Braga, casa de João Baptista Lopes.

Ao senhores accionistas que quizerem fazer nos referidos dias a 5.ª e ultima entrada de 20 por cento ou 10\$000 reis por acção, lhes será n'esse acto abonado um por cento do juros pelo adiantamento do pagamento d'esta ultima entrada.

Em conformidade com o art. 56 § unico dos estatutos d'este Banco, prevenem-se os snrs. accionistas que não fizerem a entrada dentro do prazo marcado, que te-

rão a pagar mais um por cento, por mez pela demora da entrada ou entradas em falta.

Porto 14 d'outubro de 1875.

Os directores,

Eduardo Lyon  
Felix Placido Sande  
Eduardo Ribeiro Mendes.

(2749)

**ALUGA-SE**

Um piano forte. Para tratar, no campo de D. Luiz I, n.º 1 (entrada da rua dos Capellistas.) (2734)

Fava especial da ilha de S. Miguel

Este legume, geralmente usado para penso de gado cavallar, muar e mesmo bovino, é de uma optima nutrição.

Grande deposito a preços rasoaveis; Cima do Muro (dos bacalhoeiros) n.º 77, Porto. (2748)

**A QUEM CONVENHA**

Vende-se os bens de Louredo, e contrata-se com o padre Estevão Gomes Cardoso da freguezia d'Avella.

Vende-se duas moradas de casas na rua de S. Bernabé, com os numeros 9 e 10, e 10 A, de dous andares, com seus quintaes e poço. Quem as pertender falle com seu dono, que as vende juntas ou separadas. (2763)

ANTONIO ALVES DOS SANTOS COSTA

DA RUA DA SÉ

TEM PARA VENDER

EUCALYPTUS GLOBULUS (2760)

**SERÕES ROMANTICOS**

Esta acreditada empreza editora vae publicar o notavel romance — *Os desherdados*, de M. Fernandez y Gonzalez, versão de L. Quirino Chaves, e ornado de primorosas estampas, desenho do bem conhecido Manoel de Macedo. Distribuirá a empreza 40 paginas por semana, pelo modico preço de 50 rs. Dá dois brindes: um de 5\$000 rs., em cada volume; o outro um mappa da Europa a todos os assignantes. Este romance é dividido em quatro partes com os titulos seguintes: — *Feio do corpo bonito de alma — A carne e o espirito — O que ha por baixo das apparencias — Morrem uns e outros perdem-se.*

Em Braga é unico correspondente d'esta Empreza o sr. Dias Freitas, rua Nova n. 3, E, ao qual devem ser feitas todas as requisições.

**NOVO ESTABELECIMENTO**

Joaquim Leal, participa ao respeitavel publico e particularmente aos seus amigos que acaba d'abrir o seu estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão, na rua do Souto, n.º 39.

Abster-se-ha de vender nos domingos e dias santificados. (2754)

**CASAL**

Vende-se na Povoa de Lanhoso e logar d'Arrifana o casal denominado d'«Alem» com todas as suas pertencas, livre de fóro ou penção. Dirigir-se ao proprietario ali, ou nos Chãos de Baixo, n.º 6. (2759)

Rua do Campo, n.º 22 — Braga

Alugam-se os altos da casa n.º 22, que tem commodos para numerosa familia. Trata-se na mesma de seu aluguel e póde ver-se a toda a hora do dia. (2626)

João Manoel da Silva Guimarães.—Rua do Souto n.º 43.

Compra e vende Acções de todos os Bancos e Companhias, Inscipções de Assentamento e coupons. (X\*)